

Julia Kubo Saito <julia.ks@terra.com.br>

■ Psicóloga clínica com mestrado em psicologia clínica - PUC/SP

■ Professora universitária e supervisora de estágio em Psicologia Analítica - Universidade Presbiteriana Mackenzie

A Emigração de Trabalhadores Nipo-Brasileiros (Dekasseguis) para o Japão

Em 1985 teve início um fluxo emigratório de trabalhadores nipo-brasileiros em direção ao Japão, que viveu um grande aumento na década de 1990. No ano de 2000 havia no Japão mais de 250.000 brasileiros. Acreditamos que, apesar de a maioria dos emigrantes nipo-brasileiros considerar que a principal motivação para ir ao Japão seja de ordem financeira, existam outros fatores influenciando nesta decisão. O objetivo deste trabalho é apresentar o fenômeno emigratório de trabalhadores nipo-brasileiros para o Japão e investigar o significado simbólico das migrações.



O meu interesse pelo tema da emigração de trabalhadores nipo-brasileiros para o Japão surgiu inicialmente no âmbito das relações familiares e pessoais. A partir da década de 90, inúmeros parentes e conhecidos partiram para trabalhar no Japão, fazendo com que fosse um assunto muito comentado em festas e reuniões sociais. As histórias mais contadas eram as de sucesso financeiro destes trabalhadores, que retornavam ao Brasil e compravam a tão sonhada casa própria, ou abriam um negócio próprio.

Paralelamente a este clima de euforia havia um grupo de profissionais nipo-brasileiros com uma visão menos positiva da ida de trabalhadores ao Japão. Eram médicos, psiquiatras, psicólogos, jornalistas nipo-brasileiros que promoviam debates, palestras e simpósios alertando para os problemas de adaptação, a para os problemas físicos e psíquicos apresentados por estes indivíduos. Eram relatados, por exemplo, os altos índices de doenças mentais como a esquizofrenia, que tinham sido desencadeadas pelas dificuldades enfrentadas no Japão. A imprensa veiculava casos freqüentes de desaparecimento de pessoas no Japão, de filhos que ficavam no Brasil entregues aos cuidados de avós, tios ou mesmo de empregadas domésticas.

As seguintes questões começaram a surgir. Por que a experiência de emigrar é positiva para alguns e negativa para outros? Por que alguns indivíduos adquirem doenças mentais no processo de adaptação a um novo país? Que fatores fazem com que a emigração seja enriquecedora?

FENÔMENO *DEKASSEGUI*

Em 1985 teve início um fluxo migratório de trabalhadores nipo-brasileiros para o Japão, que intensificou-se na década de 1990. A saída dos brasileiros pode ser caracterizada como um exílio econômico, de pessoas que precisaram sair do país devido à deterioração de suas condições de vida.

De meados da década de 1980 em diante, sucessivos planos econômicos fracassaram levando a população brasileira a perder o poder aquisitivo diante da alta taxa inflacionária e a viver uma diminuição drástica dos postos de trabalho, em razão da reestruturação das empresas.

Por outro lado, a partir da década de 1980, houve no Japão um intenso crescimento econômico, no qual as indústrias automobilísticas e de eletro-eletrônicos figuraram como carros-chefe. Como nas pequenas empresas destes setores não havia perspectivas de ascensão profissional, e de uma carreira vitalícia, como é comum nas grandes empresas japonesas, eram preteridas pelos trabalhadores japoneses. A escassez de mão-de-obra local obrigou os empresários japoneses a procurarem mão-de-obra estrangeira.

Neste cenário, os trabalhadores nipo-brasileiros tiveram a preferência nas contratações, pois os japoneses supunham que a proximidade cultural destes imigrantes facilitaria a sua integração à sociedade japonesa. Porém, a realidade mostrou ser diversa desta expectativa. Os nipo-brasileiros foram surpreendidos com reações de rejeição e discriminação por parte dos japoneses.

O governo japonês, atendendo aos apelos dos empresários para que o ingresso dos nipo-brasileiros no Japão fosse facilitado, criou leis que permitiram a estada legal

destes trabalhadores, caso fossem descendentes de japoneses até a 3ª geração (*sanséis*). O benefício é extensivo aos dependentes e cônjuges. Até então era concedido ao trabalhador brasileiro o visto de turista, válido por 90 dias e renovável por mais 90 dias. Após este período era possível obter um visto de visita a parentes, válido por 6 meses. A nova lei permitiu que o trabalhador obtivesse visto de longa permanência, válido por 3 anos e renovável.

BRASIL – PAÍS DE IMIGRANTES OU DE EMIGRANTES?

A relevância de um estudo de correntes de imigração está na constatação de que o Brasil, antigamente país receptor de imigrantes, atualmente passou a ser caracterizado por um grande número de emigrantes. (Bógus, 1996; Vainer, 1996).

A corrente migratória para o Japão envolve números significativos, tanto no número de brasileiros residindo no Japão (cerca de 250.000 pessoas em 2000), quanto nas remessas realizadas pelos emigrantes aos parentes no Brasil. Segundo dados da Revista Veja (19 de março de 2003), os brasileiros fazem remessas que somam 2,5 bilhões de dólares por ano. Este valor é quase o dobro do volume das exportações de café, e equivalem ao investimento realizado em 2002 por todas as montadoras de automóveis no Brasil.

No início os trabalhadores eram predominantemente de origem japonesa, pois estes serviam mais à expectativa do governo japonês de recrutar trabalhadores que não ferissem a necessidade de manter os padrões homogêneos da sua sociedade. Os salários eram de 5.000 dólares para os homens e de 3.000 dólares para as mulheres, incluídas as horas extras. Aos poucos, atraídos pela grande quantidade de anúncios publicados em jornais dirigidos à comunidade nipo-brasileira, e pelas histórias de sucesso financeiro que corriam de boca em boca, muitos descendentes de 2ª geração (*nisseis*) também se interessaram pelo trabalho no Japão.

Nesta época, a imprensa escrita dirigida à comunidade japonesa começou a chamar estes trabalhadores de "*dekasseguis*". A palavra *dekassegui* é composta por 2 ideogramas chineses que significam "sair" e "ganhar dinheiro". Portanto, o termo *dekassegui* condensa estas duas idéias, e denomina todo trabalhador que se afasta do seu local de origem para ganhar a vida. Com o tempo, a expressão "*dekassegui*" adquiriu uma conotação pejorativa, pelo tipo de trabalho que estes trabalhadores exerciam no primeiro período da onda emigratória.

Os trabalhos disponíveis para os brasileiros eram os rejeitados pelos japoneses, por serem definidos pelos três Ks – *kitanai* (sujo), *kitsui* (cansativo) e *kiken* (perigoso). Se por um lado os nipo-brasileiros foram privilegiados por poderem ingressar legalmente no Japão, por outro situaram-se na periferia do mercado de trabalho no Japão, empregados em trabalho temporário não qualificado. A grande maioria trabalha como operário, apesar de não ter nenhuma experiência nessa função no Brasil.

Outra característica desta emigração é a de ser uma migração de retorno. Segundo Kawakura (1994) esta tendência de privilegiar o retorno ao país de origem dos descendentes dos antigos emigrantes conterrâneos existe em países que exportaram grandes contingentes de emigrantes no passado, como a Itália, Portugal, Alemanha, e o próprio Japão.

“
As histórias
mais contadas
eram as de
sucesso financeiro

”

“
Os trabalhos
disponíveis para
os brasileiros eram
os rejeitados
pelos japoneses

”

A IMIGRAÇÃO DE JAPONESES PARA O BRASIL

Os primeiros imigrantes japoneses desembarcaram no Porto de Santos em 1908, contratados para trabalhar nas fazendas de café do interior do Estado de São Paulo. Vieram substituir a mão-de-obra do negro escravo e do imigrante italiano. Após quase 100 anos do início da imigração para o Brasil, os japoneses e seus descendentes são o grupo de origem nipônica (*nikkeis*) mais numeroso fora do Japão, totalizando cerca de 1.400.000 pessoas em 2001. Em relação à população total do Brasil, os *nikkeis* representam 0,868%. 72,23% destes indivíduos residem no Estado de São Paulo (Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1990, 2002).

O LUTO DA MIGRAÇÃO

Em um trabalho anterior (2002) abordei o processo de adaptação dos trabalhadores nipo-brasileiros no Japão. O trabalho baseou-se na Teoria do Apego de John Bowlby (1990), e partiu da premissa de que em todas as migrações há um processo de luto envolvido pelo que foi deixado para trás, o antigo país, os parentes e amigos, a língua, os costumes (Munoz, 1980; Schineller, 1981).

Este trabalho anterior também foi baseado na abordagem da Psicologia Intercultural a respeito das migrações, que afirma ser a estratégia de aculturação a que leva à melhor adaptação e à melhor saúde mental e física do migrante. Esta estratégia consiste na manutenção da herança cultural somada à adaptação à nova cultura (Arthur, 1997; Berry, 1997, 2002; Berry e Annis, 1974; Berry, Kim, Minde e Mok, 1987; Phinney, Horenczyk, Liebkind e Vedder, 2001). O presente trabalho buscou compreender as migrações sob a perspectiva da Psicologia Analítica.

SIGNIFICADO SIMBÓLICO DA MIGRAÇÃO

Podemos perceber na emigração de nipo-brasileiros ao Japão um movimento de retorno às origens, um caminho em direção oposta àquela empreendida por seus antepassados. A terra natal, a mãe que expulsou e que não foi capaz de nutrir os seus filhos no passado, acolhe e alimenta-os no presente. Há um movimento circular, uróbórico, de resgate do princípio, do útero materno, indicando a possibilidade de integrar as polaridades opostas projetadas no Brasil e no Japão. O significado simbólico da imigração de japoneses para o Brasil ou de brasileiros ou nipo-brasileiros para o Japão é o mesmo, ou seja, a busca de aspectos que se situam na polaridade oposta à da consciência, a busca do novo, do desconhecido.

Os psicólogos transculturais e sociais (Berry, 1997; De Biaggi, 2002) apontam ser mais desafiador e fonte de problemas os deslocamentos que acontecem entre países do Ocidente e Oriente, pois o choque cultural sofrido por estes indivíduos é mais intenso, assim como o *stress* advindo da aculturação à nova terra. A aculturação é a adaptação de um indivíduo ou grupo à cultura que o rodeia. Este processo tem como resultado a modificação dos modelos culturais de base dos indivíduos, etnias ou sociedades, causada pelo contato direto e contínuo com culturas diferentes. A aculturação traz influências tanto para o indivíduo quanto para quem o recebe. Ou seja, no processo de aculturação tanto o migrante quanto a cultura que o recebe sofrerão modificações e assimilarão características uns dos outros. Entrar em contato com uma nova cultura envolve uma série de mudanças na forma de agir e dar significado aos eventos. Quando um indivíduo migra para um novo país é submetido a um *stress* cultural, que é o resultado da necessidade de compreender rapidamente

as normas e comportamentos da nova cultura, e de desenvolver papéis e atitudes adequados à nova realidade.

Por outro lado, quando o indivíduo emigra de um país do Ocidente para outro do Oriente, como é o caso dos trabalhadores nipo-brasileiros, também vive a chance de entrar em contato com experiências e aspectos novos de sua psique. Ou seja, tem a oportunidade de transformar-se, de ampliar o conhecimento que tem de si, levando ao enriquecimento e ao crescimento psíquico.

As culturas brasileira e japonesa apresentam características diferentes e por vezes contraditórias. A cultura brasileira está mais orientada pelo dinamismo matriarcal, privilegiando os aspectos instintivos e irracionais da expressão humana. Há expressão rica e livre de sentimentos, emoções, intuições, contato com a natureza, com a sensualidade. Os indivíduos são estimulados a desenvolver uma atitude extrovertida nas suas relações pessoais e de trabalho, e a se expressar de forma clara e direta.

A cultura japonesa, por outro lado, apresenta características marcadamente patriarcalistas. São valorizados aspectos como o respeito às normas, leis, disciplina. É uma sociedade extremamente normativa, que estabelece claramente condutas certas e erradas para as situações cotidianas. As expressões de emoções e sentimentos não são bem aceitas. A comunicação se dá de forma indireta e implícita, e o sucesso desta depende da capacidade do interlocutor compreender as mensagens não-verbais. No Brasil, há espaço para a diferenciação e o desenvolvimento do caminho individual. No Japão privilegia-se o interesse grupal e o pertencimento comunitário em detrimento da diferenciação individual. As relações familiares acontecem dentro de uma estrutura mais igualitária, enquanto no Japão há marcada hierarquia entre os membros de uma família (Oliveira, 1997; Reischauer, 1980; Saito, 1985, 1986; Sasaki, 2002).

Várias imagens nos remetem à polarização dos conteúdos representados pelo Brasil e pelo Japão. Os dois países situam-se geograficamente em posições opostas do planeta. Quando é dia no Brasil é noite no Japão. Na mitologia e nos contos de fadas o tema da travessia do mar ou da "viagem marítima noturna" simbolicamente representa o mergulho no inconsciente, o contato com o novo e o desconhecido. Entre o Brasil e o Japão há uma vasta porção de mar. Os primeiros imigrantes japoneses empreendiam uma longa travessia de navio, que durava cerca de 40 dias. Portanto, um nipo-brasileiro, ao emigrar para o Japão, tem a oportunidade de mergulhar em seu inconsciente, entrar em contato com aspectos de sua sombra e integrá-los à sua consciência.

A motivação de deixar a sua terra natal, tanto dos imigrantes japoneses quanto dos nipo-brasileiros é econômico, ou seja, a terra natal é uma mãe que não nutre, não acolhe, mas expulsa e rejeita. Abandona o indivíduo à sua própria sorte, fazendo-o ir em busca de seu destino. Podemos dizer que os *dekaseguis* "herdaram" a criança abandonada de seus antepassados imigrantes, e buscam redimi-la indo ao Japão.

Mais recentemente tomou forma uma variante deste fluxo de trabalhadores nipo-brasileiros ao Japão. É o que está sendo chamado de *arubaito* ("bico"). Jovens universitários aproveitam as férias de verão para trabalhar como *dekaseguis* por cerca de três meses no Japão. A grande maioria não tem nenhuma experiência profissional

“
Entrar em contato
com uma nova
cultura envolve
[...] mudanças

”

“
a oportunidade
de mergulhar
em seu
inconsciente

”

antes de embarcar nesta empreitada. São provenientes da classe média, média-alta, que estudaram em bons colégios, e que, portanto, não necessitam deste trabalho para a sua sobrevivência. No caso destes jovens, além do aspecto econômico, parece haver a busca por amadurecimento e independência.

Assim, para os *dekasseguis* que vão fazer *arubaito*, a emigração traz a possibilidade de travar a luta com o dragão, de sair do ventre materno e assumir uma nova atitude diante do mundo. Podemos supor que para estes jovens esta experiência pode ter o significado de um ritual de passagem da adolescência para a vida adulta, com inúmeras provações e desafios (Neumann, 2003).

A trajetória no Japão pode ser compreendida como a jornada do herói em busca da terra estranha além do mar, em busca de aspectos desconhecidos, inconscientes de sua própria natureza interior. Saem do Brasil como adolescentes imaturos, vivendo numa situação paradisíaca, sem enfrentar dificuldades nem responsabilidades, para outra oposta, na qual moram sozinhos e cuidam de si em todos os aspectos.

"A experiência do abandono – concreta, emocional, psicológica – é, portanto, uma iniciação na vida. É uma repetição da expulsão do Éden, uma perda da inocência, assim como uma traição. Contudo, é um acontecimento positivo, porque nos põe em movimento na nossa jornada, nos faz seguir as voltas do nosso caminho em busca da experiência e da identidade." (Abrams, 1994, p. 64)

Somente quando nos vemos verdadeiramente sozinhos nossa criança interior, o nosso potencial criativo tem condições de vir à luz. Quando admitimos que contamos apenas com nós mesmos, quando admitimos a nossa orfandade, podemos entrar em contato com os nossos recursos internos. Ao passo que, quando procuramos esses recursos no mundo exterior ou em outras pessoas, ou tentamos evitar a experiência de abandono, não entramos em contato com o Self.

"O fogo e outros símbolos de alerta desempenham papel importante nos ritos de iniciação dos jovens, que precisam se manter 'acordados', ou seja, aprender a vencer o corpo e a inércia do inconsciente ao lutar contra o cansaço. Manter-se desperto e suportar o medo, a fome e a dor caminham lado a lado como elementos essenciais no fortalecimento do ego e da educação da vontade." (NEUMANN, 2003, p. 114) 

Bibliografia

- ABRAMS, J. (1994) "A Criança Abandonada": Introdução. In: ABRAMS, J. (org.) **O reencontro da criança interior**. São Paulo: Cultrix, p.64-66.
- ARTHUR, N. (1997) **A Critical Approach to Investigating Cross-Cultural Transitions**. Trabalho apresentado no XXVI Congresso Interamericano de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- BERRY, J. (1997), "Immigration, Acculturation and Adaptation. Applied Psychology", **An. International Review**, 46 : 5-68.
- _____ (2002). Palestra proferida no Simpósio Internacional – Psicologia, Imigração e Cultura: Um Tema Antigo Recente, USP, junho de 2002.
- BERRY, J. & ANNIS, R. (1974) "Acculturative Stress – The Role of Ecology, Culture and Differentiation". **Journal of Cross-cultural Psychology**, 5 : 382-406.
- BERRY, J. W., KIM, U., MINDE, T. e MOK, D. (1987). "Comparative Studies of *Acculturative Stress*". **International Migration Review**, nº 3, 491-511.
- BÓGUS, L. M. M. (1996). "Migrantes Brasileiros na Europa Ocidental; uma abordagem preliminar". In: PATARRA, N.L.(org.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**, São Paulo: ABC/FNUAP.
- BOWLBY, J. (1990). *Apego e perda, Vol.I: Apego*. São Paulo: Martins Fontes.
- CENTRO DE ESTUDOS NIPO-BRASILEIROS (1990). "Pesquisa da População de descendentes de Japoneses no Brasil 1987-1988", São Paulo: mimeografado, 123p.
- _____ (2002). Pesquisa da Comunidade Nikkei, São Paulo: mimeografado, 113p.
- DE BIAGGI, S.D. (2002). **Changing Gender Roles: Brazilian Immigrant families in the US**, New York: New York LFB Scholarly Publishing LLC 2002.
- KAWAKURA, L. K. (1994). "Qualificação de trabalhadores brasileiros no processo de trabalho no Japão". **Revista Educação e Sociedade**, nº 49, ano XV, dez. 1994.
- MUNOZ, L. (1980). "Exile as bereavement: Socio – psychological manifestations of Chilean exiles in Great Britain". **Britain Journal of Medical Psychology**, 53: 227-232.
- NEUMANN, E. (2003). **História da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix.
- PHINNEY, J. S.; HORENCZYK, G.; LIEBKIND, K. E; VEDDER, P. (2001), " Ethnic identity, immigration and well-being : an international perspective", **Journal of Social Issues**, vol. 57, nº 3: 493-510.
- REISCHAUER, E. O. (1980), **The Japanese**. Tóquio: Charles Tuttle Company, 443 p.
- REVISTA VEJA, ano 36, edição 1.794, 19 de março de 2003. Ed. Abril "Remessas de brasileiros para o Brasil somam 2,5 bilhões de dólares por ano."
- SAITO, J. K. (1985) . "Os descendentes japoneses no Brasil". In : KATO, T. (org.), *Fundamentos e Questões acerca do Comportamento Humano*. Tóquio: Ed. Fukumura, (em japonês), 284 p.
- _____ (1986), "Auto-estima e auto-conceito entre os jovens descendentes de japoneses". In: **O Nikkei e sua Americanidade: temas apresentados na II Convenção Panamericana Nikkei (III Copani)**, São Paulo: Massao Ono Editor, 389 p.
- _____ (2003). **Fatores de proteção e de risco no processo de adaptação dos trabalhadores nipo-brasileiros ao Japão**. Dissertação de mestrado. PUC-SP.
- CHINELLER, D. P. (1981). "The immigrants challenge: mourning the loss of homeland and adapting to the new world." **Smith College Studies in Social Work**, Vol. I (51), nº 2, March 1981.
- VAINER, C. B. (1996). "Estado e migração no Brasil: da imigração à emigração". In: PATARRA, N.L. (org.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: ABC/FNUAP.